



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Entre o Grão e o Código: Resistência analógica na era da algoritmização imagética¹

Nathan Balzani de Carvalho²
Universidade de Brasília - UnB

RESUMO

O trabalho discute como práticas fotográficas e videográficas analógicas operam como formas de resistência diante da automatização criativa promovida pela inteligência artificial. A partir do conceito de nostalgia digital, analisa-se o retorno ao gesto manual, ao erro e à materialidade como modos de reencantar a produção de imagens em um cenário de saturação visual. Argumenta-se que o uso de tecnologias consideradas obsoletas não representa retrocesso, mas cria fricções temporais que questionam a lógica do progresso técnico. Assim, o analógico emerge como gesto crítico que reinsere a corporeidade e o tempo no processo artístico-imagético contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Contemporânea; Fotografia Analógica; Vídeo Analógico; Cultura Digital; Inteligência Artificial.

RESUMO EXPANDIDO

Em meio à uma crise imagética onde, mediante uma superabundância de dispositivos e conteúdos digitais, a fotografia e o vídeo tornaram-se práticas cotidianas, banalizadas e “tão comuns quanto o sexo ou a dança, o que significa que não são praticadas, pela maioria, como arte, mas como uma

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Contemporânea”.

² Mestrando na linha de pesquisa de Arte e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, com orientação do Prof. Dr. Antenor Ferreira Corrêa. Pesquisador vinculado ao MediaLab – Laboratório de Pesquisa em Arte Computacional (MediaLab/UnB). E-mail: nathanbalzani@gmail.com.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



espécie de rito social, uma defesa contra as ansiedades e uma ferramenta de poder” (SONTAG, 2008, p. 8). O avanço das tecnologias computacionais e, mais recentemente, da inteligência artificial, tem acelerado a automatização dos processos criativos, diluindo as fronteiras entre autoria e reprodução. Nesse cenário de aceleração e desmaterialização da experiência artística, surgem fissuras – aberturas críticas e sensíveis – nas quais artistas contemporâneos buscam reintroduzir a conexão com a manualidade, a fisicalidade e a temporalidade como uma forma de resistência ao crescimento exponencial de conteúdos gerados artificialmente, amplamente adotados pelo mercado por seu baixo custo, rapidez e facilidade, mas que carecem de estudo, técnica, esmero e, principalmente, de individualidade.

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre essas práticas a partir do conceito de nostalgia digital, entendido não como um retorno ao passado, mas como um gesto de reinserção crítica do analógico na ecologia midiática contemporânea. Trata-se de um movimento de reconexão com a fisicalidade e a manualidade da criação artística, uma reação sensível à aceleração da cultura digital e à crescente automatização dos processos criativos pela inteligência artificial. Longe de representar um retorno purista ao passado, essa nostalgia opera como gesto crítico diante da obsolescência programada, do consumo acelerado e da automatização das formas de ver e produzir imagens.

Como observa Bauman (2017), a retrotopia é o desejo de reencontro com uma comunidade simbólica perdida em um mundo fragmentado. Ao revisitar tecnologias consideradas “ultrapassadas” – como a película fotográfica/cinematográfica, o VHS e os diapositivos –, artistas brasileiros contemporâneos instauram tensões produtivas entre o analógico e o digital, revelando que o anacronismo pode ser também uma forma de resistência



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



estética e política. Esses retornos não visam restaurar um passado idealizado, mas instaurar uma fricção temporal que questiona o progresso técnico enquanto valor absoluto.

Imagem 1 - Rastros (2025), de Nathan Balzani:
Intervenção em negativo preto e branco 35mm.



Fonte: Produção do autor.

Como aponta Dubois, o retorno às técnicas analógicas não significa um recuo, mas um “questionamento do progresso técnico voltado contra si mesmo” (DUBOIS, 2019, p. 22), um gesto que transforma o obsoleto em linguagem. A produção contemporânea marcada pela hibridez entre suportes revela uma “crise das fronteiras” entre fotografia e cinema, entre o fixo e o móvel, entre o digital e o analógico. Essa crise, longe de representar uma perda, constitui um campo fértil de reconfigurações. Em diálogo com Furtado (2019), compreende-se que as imagens contemporâneas se expandem para além da representação, tornando-se ambientes sensoriais, fluxos e presenças



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



mediadas, uma condição que reforça a necessidade de repensar o gesto artístico como experiência encarnada. A analogia, o ruído, o grão, o glitch e o desgaste físico dos suportes convertem-se em potências expressivas e fissuras que expõem o caráter instável e sensível da imagem. Monteiro (2019) observa que os artistas que lidam com essas “ruínas da modernidade” não buscam pureza, mas experimentam o anacronismo como linguagem, transformando ruína em matéria estética.

Essa discussão se articula também com a ideia de arqueologia das mídias, proposta por teóricos como Siegfried Zielinski (2006) Thomas Elsaesser (2018), para quem as tecnologias não evoluem linearmente, mas coexistem, sobrepõem-se e se contaminam. Assim, a presença do analógico no digital não representa atraso, mas convivência: um campo onde diferentes temporalidades e materialidades disputam espaço simbólico. Nesse entrelaçamento, o gesto analógico reintroduz o tempo lento, o erro e a corporeidade, dimensões quase que apagadas pela instantaneidade dos fluxos algorítmicos.

Imagem 2 - Mania (2024) , de Arthur Ribeiro, Babu, Karen Kojima, Noze, Nathan Balzani e Patrícia Lins: Still de curta-metragem de suspense experimental, filmado em película Super 8 tomada única.



Fonte: Produção do autor; scan digital da película super 8.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O erro, o acidente e o acaso – tradicionalmente evitados pelas lógicas de eficiência digital – tornam-se aqui operadores críticos. Camporesi (2019) afirma que o trabalho artístico está sempre à beira da obsolescência de seus próprios suportes, e é justamente nesse limiar que o gesto analógico encontra sua força de reencantamento. David Sax (2016), ao discutir a chamada vingança do analógico, observa que o retorno aos meios físicos nasce do esgotamento da promessa digital e do desejo de experiências sensíveis e significativas.

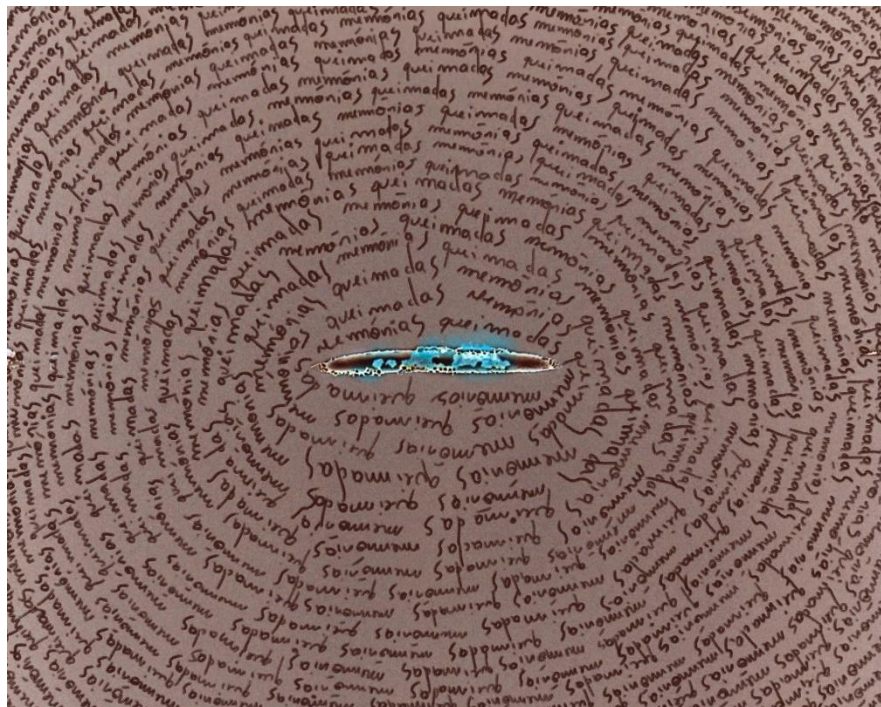
Essa práxis tensiona o limite entre o tangível e o virtual, entre a luz e o ruído, procurando compreender a materialidade como dimensão crítica frente à volatilidade dos fluxos digitais. Ao investigar o gesto manual e o tempo dilatado dos processos analógicos, busco examinar como o corpo retorna à produção imagética como agente e medida, como um corpo que toca, sente, revela, espera. A fotografia e o vídeo analógicos, reapropriados e remidializados, permitem pensar novas relações entre artista e técnica, entre autoria e máquina, entre presença e ausência.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Imagem 3 - Memórias Queimadas (2023), de Nathan Balzani. Intervenção digital em fragmentos queimados de película colorida 35mm.



Fonte: Produção do autor.

Ao propor o retorno ao tátil, ao erro e ao processo artesanal, as práticas analógicas contemporâneas representam uma resposta sensível às crises externas que atravessam a arte e a sociedade: crises tecnológicas, sociais e afetivas que reconfiguram as relações entre corpo e máquina. Em um contexto de saturação visual e de produção automatizada de imagens, o gesto analógico emerge como forma de fabulação crítica, instaurando espaços de desaceleração e de reconexão com o fazer artístico. As fissuras abertas por essas práticas revelam não apenas resistências às dinâmicas da cultura digital, mas também a possibilidade de imaginar novas formas de presença, autoria e sensibilidade em meio à crise da automatização estética.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Entre o grão e o código, entre o gesto e o algoritmo, o retorno analógico não busca restaurar o passado, mas reabrir o presente. Ele convoca um olhar demorado, uma escuta atenta das matérias, uma poética da espera. Ao transitar entre o tátil e o imaterial, o artista contemporâneo redescobre no obsoleto uma potência crítica: um modo de pensar o tempo e a imagem como espaços ainda férteis de invenção e resistência.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CAMPORESI, Enrico. **Curadoria de filmes e obsolescência tecnológica**. In: DUBOIS, Philippe; FURTADO, Beatriz (org.). Pós-fotografia, pós-cinema. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

DUBOIS, Philippe; FURTADO, Beatriz (org.). **Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens**. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia das mídias**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MONTEIRO, Lúcia Ramos. **Stasis e movimento, luz e sombra: sobre diaporamas contemporâneos**. In: DUBOIS; FURTADO (orgs.). Pós-fotografia, pós-cinema. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

SAX, David. **The Revenge of Analog: Real Things and Why They Matter**. Nova Iorque: Public Affairs, 2016.

SONTAG, Susan. **On Photography**. Londres: Penguin Classics, 2008.

ZIELINSKI, Siegfried. **Deep Time of the Media**. Cambridge: MIT Press, 2006.